

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: Pauará 112

Data: 28/02/73 Pg.: _____

AMILTON VIEIRA

ÍNDIOS

A preço de bala

Bêbados, maltrapilhos e famintos, escondidos no mato ou vagando pelas estradas, a esmolar, os poucos milhares de índios das reservas do Rio Grande do Sul passaram quase ignorados durante os últimos meses de farto noticiário acerca de seus irmãos de raça. Uma severa proibição da Funai, válida para todo o país e baixada há alguns anos, impediu que se apurassem os rumores de espancamentos havidos no posto de Vontouro, habitado pela tribo dos coroados. Mesmo sem se certificarem dos maus tratos, jornalistas de Porto Alegre, enfrentando ligeiros atritos com chefes de posto, conseguiram documentar a condição de subcolonos em que sobrevive a população indígena também nas reservas de Nonoai, Guarita, Cacique Doble e outras.

Em contraste melancólico com os ativos kranhacãrore, ou gigantes, que há três semanas decidiram-se a aceitar a vizinhança de uma equipe da Funai (VEJA n.º 232), os índios gaúchos correm ávidos para os carros que param. "Tem algum dinheirinho para mim?", pedem como início de diálogo. E, se

VEJA, 28 DE FEVEREIRO, 1973

percebeu a máquina fotográfica: "Vai tirar? Se vai tirar tem que pagar para mim. É barato, preço de caramelo".

O preço real — Na realidade, o preço está na própria diferença de comportamentos — e quem paga não é o branco, mas o índio. Enquanto isolado na mata, o kranhacãrore (como tantos outros no passado) desfrutava de um tratamento especial à base de presentes, paciência, atenções. Mais alguns anos e, talvez inevitavelmente, eles se verão obrigados a obedecer às ordens de qualquer assalariado levado pela rodovia (a Cuiabá—Santarém) que atravessará seus territórios.

Tribos mais numerosas, solidamente assentadas em prósperas colheitas e costumes antigos, reduziram-se a pouquíssimos remanescentes ou se desvirtuaram por completo. Os xavantes, que eram 3 000 há perto de trinta anos, devem ser menos de trezentos atualmente, divididos em três reservas. O sertanista Francisco Meirelles, responsável pela aproximação dos xavantes e de muitas outras tribos que conheceu nos seus 37 anos de sertão, diz que o processo nunca se altera: "Antes do branco, o índio tem sua vida organizada. Roça, caça, pesca, dá assistência aos velhos, às crianças. No início do contato, a gente sente a euforia deles. Querem se transformar em 'gente' como nós, querem participar. Mas, aí, surgem os imperativos do desenvolvimento e ele acaba abandonado quando mais precisa de compreensão. A rigor, o índio é sempre prejudicado pelos nossos interesses".

O prejuízo — Integrados rapidamente, pois logo aprendem que o machado de metal tem mais eficiência que o de pedra, entre outras diferenças tecnológi-

cas, com igual rapidez os índios têm de aprender a lutar por tais vantagens de acordo com os padrões brancos. No entanto, atavicamente ligados a uma economia destituída da noção de lucro, os índios jamais se adaptaram completamente. Há as exceções, como os terena e os caduweo, de São Paulo e Mato Grosso, mantidos em reservas e desenvolvidos ao ponto de ajudarem os brancos das redondezas.

Os coroados do sul, porém, representam a regra. Em 1971, depois de várias décadas de orientação governamental, eles chegaram a produzir duas centenas de sacas de trigo. Como não vissem pagamento por seu trabalho, em pouco tempo debandaram ou se recusaram a um serviço regular. Alberto Deboni, comerciante da região, conta: "Eles trabalham muito bem, mas são difíceis de se adaptarem. Às vezes, um pega uma empreitada, trabalha como louco durante dez dias e, de repente, não aparece para o serviço".

Ou seja: transfere, para a relação branca de emprego, o enraizado hábito indígena de colher, caçar ou pescar o suficiente para alguns dias que passará apenas se alimentando, até sentir fome de novo.

Este, pelo que já foi observado, é o sistema de vida dos kranhacãrore, que, na última sexta-feira, num alegre bando de mais de cem crianças, mulheres e adultos, passaram o dia com a equipe da Funai, comandada por Cláudio Villas Boas. Também viverão assim, com certeza, os outros índios que nas últimas semanas aparecem no noticiário: os ainda desconhecidos habitantes da região onde se iniciará, brevemente, a abertura da perimetral norte, um investimento tão grande quanto o da Transamazônica.



O kranhacãrore: ainda a salvo



Os coroados: já aculturados